

*'Saramago: escritor universal?' 25 Anos do Nobel de
Literatura de José Saramago*

Carlos Nogueira

UNIVERSIDADE DE VIGO

Vincenzo Russo

UNIVERSITÀ DEGLI STUDI DI MILANO

Elisa Alberani

UNIVERSITÀ DEGLI STUDI DI MILANO

Cerca de 5 meses após o fim das comemorações do Centenário de José Saramago (1922-2010), que se estenderam de novembro de 2021 a novembro de 2022 em Portugal e fora, e no ano em que passam 25 anos sobre a atribuição do Nobel de Literatura ao autor de *Ensaio sobre a Cegueira*, a revista *CONFLUENZE. RIVISTA DI STUDI IBEROAMERICANI* publica um dossier subordinado ao tema "Saramago: escritor universal?". No âmbito dos processos de globalização literária e editorial, quisemos interrogar a obra saramaguiana como caso específico de afirmação de um escritor de uma antiga língua imperial como o português, marginal em relação aos centros de poder mediáticos. Pedimos à comunidade académica que refletisse sobre a divulgação transnacional saramaguiana através não só das traduções, mas também através de uma vasta produção intermedial (cinema, teatro, bailado, fotografia etc.) impulsionada pela obra de Saramago. Esse desafio saldou-se em 9 artigos e 12 recensões da autoria de académicos/as de universidades de vários países e continentes (Argentina, Brasil, Estados Unidos da América, França, Itália, México e Portugal).

Este número da revista *Confluenze* é mais um contributo crítico valioso que nos ajuda a compreender de que modo José Saramago se tornou “Saramago” – o escritor, o polemista, o defensor dos direitos humanos, o ativista de uma globalização alternativa. Vistos globalmente, os estudos e as resenhas deste dossier oferecem-nos análises circunstanciadas da obra saramaguiana, que continua a cativar leitores pelo que nela é ao mesmo tempo monumento de linguagem e trabalho de ideias que pretendem promover a construção de um mundo melhor. Literatura em que se fundem, nas suas múltiplas matizes, vida, arte, emoções, sentimentos estéticos e capacidade de ver os vícios, as misérias e as virtudes do ser humano, a palavra de José Saramago é revelação e lucidez. Lucidez dita num estilo único, com tanto de atrativo como de perturbador, lucidez pluriforme, com o mais coloquial a articular-se com o mais erudito, o mais poético e belo com o mais rude, em que o narrador é um autor-narrador insubmisso perante a voz e a prepotência dos que detêm o poder. Como provam vários dos artigos deste dossier, José Saramago foi um dos últimos intelectuais *tout court* do século XX também pela extraordinária capacidade de aproveitar para a promoção das suas ideias e posições os instrumentos da indústria global de comunicação, e pela disponibilidade para aceitar muitas das inúmeras solicitações que recebeu de várias partes do mundo (universidades, feiras do livro, exposições, prémios etc.).

Diferentes no tipo de análise (literária, histórica, sociológica, cultural etc.), as leituras reunidas neste dossier têm em comum o mesmo pacto entre quem lê e José Saramago, de cuja escrita emerge uma força que é da ordem do prazer inexprimível e da insatisfação perante a vida individual e coletiva, e não menos perante o ser humano enquanto ser tão falível no que é essencial (igualdade entre todas as pessoas e todos os grupos sociais e povos, paz, bem-estar) quanto persistente, apesar de tudo, na correção da sua tendência para o mal. Este pacto espiritual, com origem no deslumbramento desencadeado pelo convívio com os universos que Saramago criou, é também um pacto de ação ou, pelo menos, de vigilância e de mais compreensão do mundo e do ser humano, da História e da vida passada, presente e futura. José Saramago, escritor racional e prático, não foi menos um homem que se projetou em ideais (não apenas ideias) de beleza, bem, igualdade, liberdade e fraternidade. Obviamente, “O idealismo de Saramago nada tem a ver com a Ideia hegeliana. Não se trata de acreditar que há (ou tem de haver) um destino histórico, como em Hegel, que vê no Estado a realização máxima da Ideia, que significa progresso, evolução, em vez de decadência (Platão, em quem Hegel se inspirou, preconizava o contrário, como é sabido: o mundo sensível é uma degenerescência do mundo puro e perfeito das ideias)” (Nogueira 2013, 13). O idealismo saramaguiano abrange uma projeção de aspirações cuja concretização integral é impossível, porque a História está

irredutivelmente sujeita à imprevisibilidade do humano e à sua propensão para a desordem, a discórdia e a morte. O mundo ideal de Saramago, apesar de inalcançável, reclama-se de uma moral máxima. Os valores supremos (humanitarismo e igualitarismo para todos) constituem as referências que regem tanto as suas ações de cidadão como as das suas personagens em cujo ideal de liberdade o material e o espiritual se conjugam.

“A ideia saramaguiana não existe fora de cada um de nós e fora das coisas; existe dentro de cada pessoa, e é aí que se desenvolve e se materializa em atos e coisas” (Nogueira 2013, 13). Ao contrário de Aristóteles, que recuperou a teoria das Formas ou Ideias de Platão e a alterou (dizendo que as coisas sensíveis se movem em direção às suas causas finais, isto é, às suas Formas ou essências), o idealismo de Saramago constitui um fim superior que o ser humano deve procurar atingir em vida e pela vida. Este não é um lugar finalístico a que chegaremos por determinação de leis imutáveis, como sustentam religiões e concepções teleológicas do mundo; é um caminho sem fim em que, apesar da morte física de cada um de nós, todos podemos e devemos participar como elos de uma cadeia interminável.

Nessa cadeia, com a originalidade, a profundidade e a clareza que se exigem a qualquer discurso científico, intervêm os autores e as autoras destes artigos e destas resenhas (sobre 12 livros dedicados a Saramago, na sua quase totalidade publicados em 2022, o ano do centenário do autor). Em diálogo vivo e deslumbrado (mas não acrítico) com José Saramago, estes escritos e quem os escreveu incitam-nos a sermos protagonistas do presente, da nossa vida individual e coletiva, do nosso futuro, a revermos o nosso passado, as nossas convicções mais cristalizadas, os nossos automatismos. Se José Saramago, que “escreveu para compreender”, se responsabilizou por todos e por cada um de nós, que também nós nos saibamos responsabilizar pelo seu legado de cidadão ativo e comprometido com a Literatura, a Cultura, a Vida, o Ambiente e os Direitos Humanos. O Centenário do nascimento de Saramago, com toda a profusão de celebrações realizadas pelo mundo fora, acabou: Saramago não acabou porque – parafraseando Benedetto Croce - não podemos não nos dizer “saramaguianos”.

Bibliografia

Nogueira, Carlos. 2023. “A lucidez de José Saramago”. In *José Saramago: a Lucidez da Escrita*. Org. de Carlos Nogueira. Lisboa: Tinta-da-China, 9-24.

